

## Móveis de Assento da Coleção do Museu de Évora – século XVIII

O Museu de Évora guarda um conjunto muito apreciável de mobiliário português, onde incluímos os espécimes da presente exposição.

Desde logo, coloca-se a questão, sobre qual a razão da presente escolha: por um lado, uma razão ligada à facilidade de transporte e por outro, o mais expressivo, porque os móveis de assento, para além de nos transmitirem o gosto da época, constituem *uma das invenções de mais transcendentais consequências na vida da Humanidade. Os assentos pertencem a essa classe de objetos e de utensílios que trouxeram o inapreciável benefício de concorrer para que a vida se tornasse mais fácil e agradável* (Augusto Cardoso PINTO, 1952, p. 14).

A opção pelo século XVIII deveu-se a um conjunto de aspetos: a variedade de modelos surgidos neste período, onde a função a que se destina, o aparato, ou o conforto são tidos em conta pelo encomendador e pelo marceneiro; o acompanhamento, por parte dos móveis portugueses das linhas formais e decorativas de modelos internacionais, nomeadamente ingleses (*Chippendale*), ou franceses (Luís XV) e porque, é também neste período que os móveis em geral e as cadeiras em particular, passam a refletir o poder e a ser elementos de uma cenografia tão apreciada no século XVIII.

Assim, apresentamos cadeiras de braços, as de maior importância e mais influenciadas pelo exterior, cadeiras de *espaldas*, uma cadeira de canto e um tamborete, ou *cadeira rasa*, que era o assento de categoria imediata à cadeira de espaldas, escolhidas, de forma a, temporalmente, abranger uma grande parte do século XVIII.

Estilisticamente, ao longo deste século, desenvolveram-se novas formas, onde o movimento domina, quer nas pernas, quer nos espaldares ondulantes, decorados na parte superior, por conchas ou plumas, mais ou menos estilizadas, ladeadas por enrolamentos e festões.

Nas madeiras utilizadas destaca-se o pau-santo e a nogueira. A primeira, madeira brasileira, largamente utilizada, pelas suas características – resistência, brilho e acabamentos de grande perfeição. A nogueira, madeira autóctone, é frequentemente utilizada, deixada na sua cor natural, sendo a parte entalhada, quase sempre dourada.

No que diz respeito aos outros materiais, há a salientar o couro, que encontramos ainda utilizado no coxim de uma das cadeiras e muito usado na centúria anterior, quer pela tradição nacional nos trabalhos de couro, quer pelo preço, bem como a palhinha. Este último produto, mais uma vez de baixo custo, de raiz oriental e de divulgação portuguesa, teve um percurso complexo. Integrado nos móveis de assento que acompanharam a Rainha D. Catarina de Bragança, quando da sua partida para Inglaterra, por ocasião do casamento, com Carlos II, é aceite na moda inglesa, passando mais tarde a ser utilizada nos modelos de influência daquele país e alternando com o couro e os tecidos. Por fim, uma referência aos tecidos, que forravam os cochins; destes os mais correntes eram os damascos, ou os veludos, nas cores vermelho, carmesim e verde.